



O LUGAR DO MORTO

José Eduardo Agualusa

O LUGAR DO MORTO



Escritores desencarnados refletem,
a partir do Além, sobre os dias
que correm.

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXI

© 2011, José Eduardo Agualusa e
Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

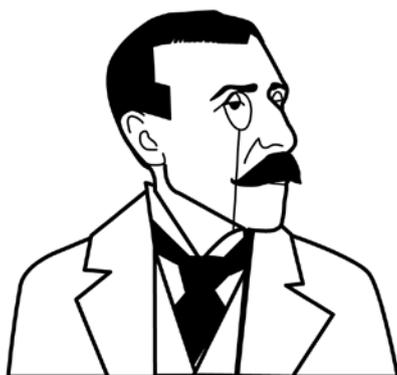
Título: *O Lugar do Morto*
Autor: José Eduardo Agualusa
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Tinta-da-china

1.ª edição: Março de 2011
2.ª edição: Abril de 2011
ISBN: 978-989-671-072-9
Depósito Legal n.º 32521/11

Índice

- 9 Os portugueses não gostam de asas
Eça de Queirós
- 15 O pénis de Hillary
Vladimir Nabokov
- 21 O admirável mundo novo dos livros
Jorge Luis Borges
- 27 Resposta a Ana Moura
Fernando Pessoa
- 33 Sobre concundas e eleições
Léopold Sédar Senghor
- 39 O Acordo Ortográfico
Machado de Assis
- 45 O regresso dos Moleskines
Bruce Chatwin
- 51 O mal das fronteiras
Sir Richard Burton
- 57 O deus dos autocarros
Bertrand Russell
- 63 O poder da poesia
Viriato da Cruz
- 69 As mulatas e os chatos
Jorge Amado
- 75 As raízes dos escritores
Rui Knopfli
- 81 Os livros póstumos
Guillermo Cabrera Infante
- 87 O meu querido assassino
Euclides da Cunha
- 93 Chico
Vinicius de Moraes

- 99 Eu em Jerusalém
Sophia de Mello Breyner
- 105 Como ser lido pelas mulheres bonitas
Antoine de Saint-Exupéry
- 111 Morrer é a gente se alhear
Clarice Lispector
- 117 O futuro da língua portuguesa
Padre António Vieira
- 123 O luso-melancolismo
Gilberto Freyre
- 129 Escritores patrocinados
João Cabral de Melo Neto
- 135 A irrelevância da verdade
Ryszard Kapuściński
- 141 A leitura enquanto espetáculo
Camilo Castelo Branco
- 147 Papa, samba e futebol
Nelson Rodrigues
- 153 A múmia de Fidel
Tomás Eloy Martínez



EÇA DE QUEIRÓS
1845-1900

OS PORTUGUESES NÃO GOSTAM DE ASAS

Quando ainda era mortal debruçava-me sobre Lisboa a partir de Paris, e invariavelmente uma comoção semelhante à vergonha me passava pela alma, por me parecerem tão diminutos os assuntos que eu via serem debatidos pelos meus amigos nos cafés do Chiado. Hoje debruço-me sobre Portugal de uma varanda mais vasta — a Eternidade — e de novo me aflige o desdouro. Não que Portugal esteja pior do que há cem anos; está todavia mais pequeno. Já nem é bem um país — é um resumo.

Como todos os povos do mundo também nós erramos. Antigamente, porém, errávamos com grandeza e originalidade. Cabral foi em busca da Índia, e tanto errou (dizem) que descobriu o Brasil. O tráfico negreiro terá sido um crime enorme, mas foi graças a ele que depois de descobrirmos o Brasil realmente o descobrimos, e o construímos. As modinhas brasileiras, ou essa dança de negros a que chamam fado, e que está agora conquistando o mundo, tudo isso são os frutos bons de uma árvore errada — a escravidão. Erro portentoso, erro tremendo, erro fecundo.

Hoje erramos em ponto pequeno, e ainda por cima por imitação. Além disso, sendo minúsculos, ainda

guardamos a memória do tempo em que fomos grandes, e isso é pior do que ser pequeno sem jamais ter sido grande. É um destino em tudo idêntico ao da bela mulher que envelhece. Para uma mulher bonita a velhice é um desastre. Conheci mulheres feias que, pelo contrário, aguardavam com ansiedade a chegada da velhice. Velhas, podiam, finalmente, reinar superiores sobre as antigas rivais. A idade democratiza os atributos físicos. A mulher que foi bonita olha a glória perdida, nas antigas fotos amareladas pelo tempo, e não se conforma. Conosco sucede algo semelhante. Contemplamos a marcha da História com mal disfarçado rancor. Não perdoamos ao Brasil a juventude. Não lhe perdoamos que seja hoje maior do que nós. Não lhe perdoamos o sucesso.

Na América, semana sim, semana não, estudantes invadem as salas de aula, e assassinam professores e colegas a tiros de metralhadora. Há ali sangue, caramba! Há drama intenso, um feroz desvelo em expor todo o vazio, todo o imenso equívoco da existência humana. Os jovens americanos serão rebeldes sem causa, sim, mas dedicam-se a essa ausência de causa — a essa vacuidade! — com singular coragem e entusiasmo. Cada massacre leva semanas, às vezes meses, a preparar. Exige estudo. Exige espírito de sacrifício. Exige, finalmente, uma considerável dose de estupidez. Os jovens estudantes portugueses esforçam-se por imitar os seus colegas americanos — mas ficam-se pela estupidez. O que na América é uma luta pela vida transforma-se nas salas

de aula portuguesas numa confusão de empurrões pela posse de um telemóvel.

Daqui de cima, pois, vejo tudo isto e estremeço. Miguel de Vasconcelos, que encontrei por este imenso desterro, de braço dado a José Saramago, e com várias espanholas esvoaçando em redor num tumulto feliz, sorri-se da nossa desdita: «Já vê, meu caro José Maria», disse-me um destes dias, «fôssemos hoje Espanha e continuaríamos grandes. Não há anão mais miserável do que aquele que já foi gigante.» Não tive resposta. Errámos também ao defenestrá-lo, outro erro imenso, do tempo em que errávamos imensamente e com originalidade, bruteza e valentia. Nos dias que correm a ninguém ocorreu defenestrar José Saramago. Aliás, já não se defenestra ninguém. Não que não haja janelas, nem gente muitíssimo defenestrável. O que falta aos portugueses é pachorra para subir escadas. Tudo o que implique subir nos desagrada. Há tempos passeava eu, placidamente, era um fim de tarde lento e melancólico, junto aos fortes portões do Paraíso, quando vi chegar um português. Via-se pela alma que fora um homem sem maldade. Também se via, olhando melhor, que fora inteiramente sem maldade, não por um esforço de vontade, mas por pura preguiça. São Pedro recebeu-o com um fatigado abraço — lembrem-se que findava o dia — e estendeu-lhe um par de asas. O português protestou: «E que farei eu com essas asas?» São Pedro, encolhendo os ombros magros: «Ora, filho, voa!» O português recuou, aterrado: «Ah não! Isso é que

não pode ser! Fique lá o senhor com as asas que eu se vim
para aqui foi para descansar.»

E assim vamos nós.



VLADIMIR NABOKOV

1899-1977

O PÊNIS DE HILLARY

Não há grande diferença entre a Suíça e o Paraíso. O silêncio é o mesmo, bem como o ar esterilizado e o tédio infinito. São lugares muitíssimo confortáveis — para pessoas mortas. No Palace Hotel, de Montreux, porém, o serviço era melhor e não havia música ambiente em lugares públicos. Anjos a tocar harpa! Anjos já são uma horrível dissonância, lamentáveis lepidópteros desajeitados. Coloquem-lhes agora uma harpa nas mãos — imaginam pior?

Sim, há pior: bandos de anjos a tocar harpa.

Os anjos não têm sexo — é oficial: procurei e não vi. Imaginem anjos e sexo. Estão a imaginar? Ah, sim, adivinha-se facilmente um bom enredo. Agora imaginem anjos sem sexo. Não, não imaginem. Poupe-vos a isso. Nem consigo conceber criaturas mais enfadonhas. Felizmente deixam-me jogar Scrabble com a minha mulher. Quando ainda era vivo um amigo americano ofereceu-nos um jogo de Scrabble com alfabeto cirílico, feito em Newtown, Connecticut, e foi assim que ganhei o hábito de jogar Skrbl russo uma hora ou duas depois do jantar. Aqui não janto, só jogo.

Além de jogar Scrabble tenho-me divertido a acompanhar a corrida de Hillary e Obama em direção à Casa



JORGE LUIS BORGES
1899-1986

O ADMIRÁVEL MUNDO NOVO DOS LIVROS

Não há livros aqui em cima, o que me teria agradado, sobretudo porque depois de morto recuperei a vista. Aliás, morrer é ver: quando reabrimos os olhos voltamos a ver. Vemos todas as coisas simultaneamente, e por todos os ângulos, como imaginei num dos meus contos. Não há nada que a imaginação não consiga figurar, inclusive a Eternidade — embora esta o não mereça. «O Aleph» dá o nome a um dos meus contos mais populares e ao livro que o abriga. O facto de os meus contos se terem tornado populares — permitam-me um exíguo instante de errância e autocomplacência — parece-me algo verdadeiramente extraordinário. Cultivei sempre um estudado horror, um antipático desdém, por tudo o que fosse popular, do futebol à política. O tango interessou-me, brevemente, mas o que me interessou nele foi sempre mais a literatura do que a vida. Via na popularidade, e ainda vejo, uma condenação. Receio não ter sido suficientemente talentoso, e suficientemente antipático, para me manter impopular.

Voltando aos livros. Como já expliquei não os tenho por perto, mas posso vê-los a todos, e lê-los enquanto outros os folheiam. Sei, assim, que estou no Paraíso.



FERNANDO PESSOA
1888-1935

RESPOSTA A ANA MOURA

Ana Moura gostava que eu fosse vivo. Vivo, escreveria versos para fados que depois ela cantaria. Disse-o recentemente em entrevista ao jornal *Público*. Eu, que nem tenho a certeza de ter estado vivo alguma vez, da mesma forma que não tenho a certeza, agora, de estar realmente morto, escreveria de boa vontade os tais fados, contanto que fosse numa taberna — e não pelos fados, Ana, mas pelo vinho.

Estar ao serviço de Ana Moura, na Mouraria, nem sequer me parece fado atroz, ao contrário de tantos outros que me têm imposto desde que naquele dia trinta de novembro de mil novecentos e trinta e cinco me deixei arrebatado pelo sonho e parti (sempre gostei de sonhar; sonhar sem o receio de despertar, eis a perfeição do sonho). A minha silhueta passeia-se hoje por toda a parte, e serve, sem cobrar nada, a tudo e a todos: promove campanhas turísticas, assinala as retretes masculinas, frequenta galerias de arte e livros para crianças, na sua maioria muito maus. Os meus versos servem a todos os fins. Ouço-os nas bocas de cardeais e de maçons, nas bocas de mulheres virtuosas e de putas; nas bocas de generais e de outros comprovados canalhas. Com os meus versos



LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR

1906-2001

SOBRE CORCUNDAS E ELEIÇÕES

Quero contar-vos uma história africana. Havia numa aldeia remota uma jovem de rosto fino, tensa pele de tantã, voz grave de contralto, mãos de alísios, mãos que curam febres, pálpebras de penugem e de pétalas de aloendro, sobranceiras secretas e puras como hieróglifos. Os cabelos eram como o fogo a rolar pelo mato à noite. Pérolas brilhavam como estrelas contra a sua pele noturna. Receio já ter utilizado uma ou outra destas imagens em poemas que publiquei enquanto vivia. Perdoem-me. Inéditas ou não, são imagens que servem na perfeição para descrever a jovem da minha história. Vou chamar-lhe Vissolela.

Apesar de todas as laboriosas imagens que usei acima para descrever Vissolela, a rapariga não encontrava pretendentes. Porquê? Pois, porque logo que os homens conseguiam afastar os olhos do seu belo rosto davam com a corcunda. Vissolela nascera com um morro de salalé a desfear-lhe o perfil solene. Definhava ela, escondida a um canto, e entristeciam os pais. Então, certa tarde, chegou à aldeia um forasteiro. Era um homem aprumado, de palavras medidas e justas, olhos fundos e limpos como um céu de



MACHADO DE ASSIS
1839-1908

O ACORDO ORTOGRÁFICO

O presidente Lula assinou no passado dia 29 de setembro de 2008 o decreto que promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Nesse mesmo dia comemoraram-se os cem anos da minha morte. Escrevo esta frase — ou melhor, faço com que a escreva a mão alugada de um pobre africano — com certa inquietação: ainda agora morri e já se foi um século. O tempo é um equívoco que a morte não resolve.

No Brasil, o Acordo Ortográfico entrará em vigor em janeiro de 2009 e sua implementação será feita de forma gradual, de modo que as novas normas chegarão aos textos escolares em 2010, tornando-se obrigatórias a partir de 2012. Em Portugal e nos restantes países de língua portuguesa ninguém sabe muito bem quando o Acordo irá começar a ser aplicado. As vozes contra o Acordo fizeram-se ouvir logo que este foi aprovado, em 1990 — e reapareceram dezassete anos depois. Vasco Graça Moura, notável poeta e tradutor de poetas, para além de romancista e homem político, perspetiva o desastre. O desastre, sim. Um imenso desastre. Uma tragédia. Este Acordo é, escreveu Graça Moura em crónica



SIR RICHARD BURTON
1821-1890

O MAL DAS FRONTEIRAS

Ao apresentar-se a outro homem, um cavalheiro devia começar por referir o lugar e a circunstância em que ocorreu a sua morte, pois esta diz muito mais sobre quem é do que a menção ao nascimento e nacionalidade. Infelizmente só os mortos e os videntes mais esclarecidos se podem dar a um tal luxo. No meu caso seria assim: chamo-me Richard Francis Burton e morri em Trieste a 20 de outubro de 1890, aos 69 anos. Viajei, interessei-me por tudo quanto é humano, incluindo Deus, e escrevi. Além disso amei muitas mulheres. Ao olhar para trás — para os lados ou para diante, é indiferente, pois o tempo parece-se mais com uma esfera do que com uma linha reta — dou-me conta de que os melhores momentos da minha vida foram passados nos braços dessas mulheres.

Aprendi 29 línguas, e sabia falá-las com o sotaque próprio, porque o bom domínio delas, acreditava eu, me ajudaria a compreender a restante humanidade. Podem acrescentar a este generoso propósito o prazer de insultar alguém no seu próprio idioma. Nesse afã de me aproximar dos outros cheguei mesmo a transformar-me neles, e com certo sucesso. Fui muçulmano afegão em

Todas estas crónicas foram anteriormente publicadas na revista Ler — e depois revistas. O meu muito obrigado ao Francisco José Viegas, diretor da Ler, e ao João Pombeiro, primeiro leitor destas crónicas.

O Lugar do Morto

*foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Guide, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 g,
numa tiragem de 2000
exemplares, no mês
de março de
2011.*